

**Entrevista** >> POR **CARLA NASCIMENTO** cnascimento@redegazeta.com.br

**Cláudio de Moura Castro** >> ECONOMISTA, COLUNISTA DA REVISTA VEJA

# “A aprovação automática do aluno é um mal menor”

Ao contrário do que muitos defendem, para Cláudio de Moura Castro esse seria um dos caminhos para o ensino

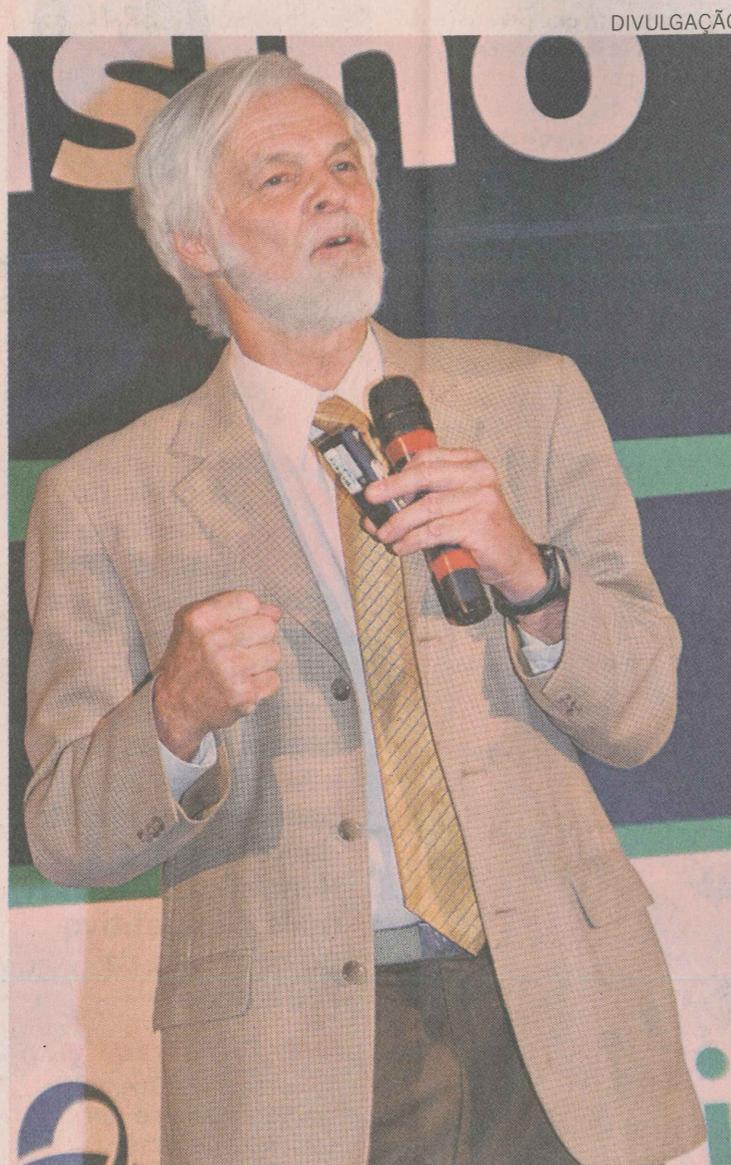
Seu filho passou de “raspão” na escola? Ficou de prova final ou recuperação, as notas no boletim não te agradaram? Calma, para alguns especialistas, avançar para a série seguinte é importante, mesmo que o aluno não tenha tido um bom rendimento nos anos anteriores. Essa é a opinião do economista Cláudio de Moura Castro. Ele, que já escreveu mais de 35 livros, diversos artigos sobre educação e é articulista da revista Veja, se posiciona a favor do sistema de ciclos, que ficou conhecido pelo apelido de aprovação automática. Segundo ele, a história mostra que reprovar não ajuda no desenvolvimento do estudante, mas deixa claro que, simplesmente, passar de ano não é a solução.

Entre os estudantes de 15 a 17 anos que estão na escola, 45% não estão na série correta para a idade. O número de adolescentes e jovens que estão fora da sala de aula, também é grande, principalmente a partir dos 15 anos, quando a educação deixa de ser obrigatória. É o caso de 54% dos brasileiros com 18 anos. Na faixa

sáveis por afastar o jovem da sala de aula. Cláudio de Moura Castro fala sobre o tema e outros assuntos relacionados à educação básica e superior.

## Universalização do ensino

Na década de 90 todo mundo passou a ter acesso à escola. Nessa década, o índice de pessoas na escola passou para 97%, 98% na idade de escolarização obrigatória. É por isso que dizem que universalizou o acesso à educação. Mas com o tempo observou-se que eles estão na escola, porém atrasados, aprendendo pouco. Com 14 anos - idade de início do ensino médio - começa o abandono. Com 17 anos, 80% dos alunos ainda estão cursando o ensino fundamental. A reprovação e o pouco aprendizado são duas faces da mesma moeda. Oitenta por cento dos alunos se forma no ensino fundamental em alguma idade. Metade dos estudantes entram no ensino médio em alguma idade. Aí, tem uma poda grande.



**OPINIÃO.** Articulista da revista Veja, Cláudio de Moura Castro é a favor do sistema de ciclos na educação

## Educação para Jovens e Adultos

Existe no mercado de trabalho demanda por conhecimentos específicos. Poderíamos pensar o que é preciso no EJA ou não. Mas a melhor maneira é integrar as habilidades básicas cognitivas com habilidades manuais.

## Papel do professor

Só 8% dos professores acham que é importante ensinar as matérias. Tem haver com a formação. Os professores mais graduados não praticam a educação, têm pouca experiência de sala de aula. Eles falam sobre soluções, mas não vivenciam a escola.

## Pedagogia

Você pode não gostar, mas o que atrapalhou a pedagogia foi o feminismo. Antigamente, as mulheres - de todas as classes - só podiam ter como profissão o magistério. Depois, elas passaram a ter outras oportunidades, buscaram outros cursos.

## Investimento

O problema da formação de professores é menos de dinheiro e mais de concepção. Temos um mundo ideológico nas faculdades de educação

## Programas de acesso ao ensino superior

O Prouni é um sucesso, sob qualquer ponto de vista. Ele pesca alunos de escolas públicas com média superior do que os que estão na faculdade privada. Exige a pontuação do Enem e a concorrência é alta. É dar meios econômicos para os mais talentosos cursarem o superior. O sistema de cotas é abrir uma porta dos fundos. Dizer aos pobres para entrar na universidade sem competitividade. Pode dar errado, mas ainda é cedo para saber disso.

## Sistema de cotas

Existe um sistema de cotas que acho bom: é aquele que permite um bônus de pontuação. Nele, o aluno da escola pública que quase entrou por mérito ocupa a vaga de um aluno da particular que quase não entrou. Ele chega mais motivado. Mas, no geral, é uma operação de marketing. O ensino superior não é obrigatório em nenhum lugar do mundo. De cada cinco que entram na escola primária, quatro ficam para trás no caminho até o superior. As cotas começam com a possibilidade de ajudar apenas 20% dos estudantes. O mecanismo igualador

brasileiros com 18 anos. Na faixa etária correspondente ao ensino médio, de 15 a 17 anos, 20% estão na mesma situação. Alguns abandonaram os estudos; outros chegaram até o final do ano, mas não renovaram a matrícula; há ainda aqueles que nunca estiveram em uma sala de aula. Em todos os casos, esses adolescentes e jovens estão se distanciando do mercado de trabalho e dando continuidade ao ciclo de pobreza em que estão inseridos. A qualidade do ensino e a formação dos professores são apontados como alguns fatores respon-

idade. Aí, tem uma poda grande. Menos da metade termina o ensino médio. Desses, metade chega ao ensino superior, muitos mal preparados.

## Qualidade

O ensino fundamental é muito ruim. Manda para o ensino médio um aluno que, se comparado com um europeu, está quatro anos atrasado. Lá, ele é insultado com um currículo complexo. Tão distanciado do mundo real e agravado por um problema de ex-

traordinária dimensão: o Brasil é o único país onde só existe um modelo de ensino médio. Na prática, é o caos, porque ele não serve para nada. A hipótese mais razoável, é que essa não seja uma boa idéia. No Estados Unidos há apenas um modelo, mas é praticamente impossível dois alunos cursarem exatamente o mesmo curso. É tudo hierarquizado. Tem vários níveis de inglês, por exemplo. Há uma gama de alterna-

tivas para os estudantes.

## Avaliação por ciclos e aprovação automática

Acabei de participar de uma banca de avaliação que fala sobre o tema. Ficou provado que o aluno que é aprovado sem saber, um ano depois está melhor do que o aluno que reprovou. A aprovação automática é um mal menor. Mas não podemos achar que é a solução. O que precisamos é mais qualidade no ensino.

nas faculdades de educação que não se conecta com o resto do mundo, ainda não descobriram que caiu o mundo de Berlim. Ao invés de aprender a equação do segundo grau, o professor vai ler Gramsci. Só que o programa de ensino prevê a equação de segundo grau e ele não sabe. Os professores impõem um nível de excelência que eles não alcançam. Tem escolas com 95% de abandono ao longo do curso. Os professores são aprovados no setor privado pagando o pouco que podem pagar.

tes. O mecanismo igualador é melhorar o início da escolaridade. Mas como fazer isso, se 80% dos pais, professores e alunos acham a escola boa como está? Não há força política que ofereça razão para melhorar.

## COMENTE NA WEB

Você concorda que reprovar não ajuda no desenvolvimento do estudante?  
[www.gazetaonline.com.br/forum](http://www.gazetaonline.com.br/forum)

## EM NOME DA QUALIDADE

### Análise

MARIA DO PILAR L. ALMEIDA E SILVA

Secretária de Educação Básica do MEC

■ “Sou otimista em relação à educação. Comecei a trabalhar na década de 70, quando grande parte dos jovens nem pensava em chegar ao ensino médio. No ensino médio, os adolescentes estão no auge do crescimento e da curiosidade. Mas a escola que existe hoje é a mesma dos anos 60. Há 40 milhões de adultos semi-escolarizados no país. Mais de 10 milhões nunca foram à escola e são os pais dessas crianças que hoje têm o direito de ir à escola. Existe um discurso de que a família não se interessa pela educação dos filhos. Ela se interessa. A escola tem que garantir o aprendizado contemporâneo e contextualizado. Nas reuniões que tenho com reitores, brinco que enquanto existir o vestibular não pode haver vida inteligente no ensino médio. Temos que mexer nessa ferida. Investimos na formação de professores e vamos, no ano que vem, mandar a proposta de ampliação da matrícula obrigatória de 7 a 14 anos para 4 a 17 anos”.

# No Espírito Santo, modelo não deu certo

De 2000 para 2007, a taxa de reprovação saltou de 4,6% para 11,3% na rede pública estadual

■ A taxa de reprovação dos alunos da rede pública, no Estado, passou de 4,6% em 2000 para 11,3%, em 2007. No Espírito Santo, o sistema de aprovação por ciclos não deu certo. Ele foi implantado na década de 90 – quando era chamado de bloco único –, mas cedeu espaço para a avaliação seriada, modelo em que o

aluno precisa de média 6 para ser aprovado.

“No Estado (o sistema de ciclos) não deu certo. O conceito é interessante, mas quando trabalhado em uma rede inteira de ensino não trouxe benefícios. Quando um modelo é massificado, é complicado. Em alguns momentos houve a aprovação de alunos que não tinham as habilidades necessárias para a série seguinte”, diz a subsecretária de Educação Básica e Profissional, Adriana Sperandio.

Segundo ela, a implanta-

ção de um sistema como esse, em qualquer rede de ensino, só deve ser feita após a discussão com os próprios educadores. Ela defende que nesse tipo de modelo, o mesmo professor acompanhe a evolução das turmas. “O professor que atendeu a segunda série neste ano, tem que passar para a terceira no ano seguinte e assim sucessivamente. É importante que ele caminhe com o estudante. Além disso, se exclui a retenção (repetição da série), mas não a necessidade de avaliação”, diz.

## A escola em números

■ **Ensino fundamental.** Cerca de 20% das pessoas com 18 anos têm entre quatro e sete anos de estudo, portanto, menos do que o ensino fundamental completo

■ **Índice** 30,9% dos jovens de 18 anos tinham pelo menos 11 anos de estudo, em 2007. Em 1996, o índice era de 10,9%

■ **Horas.** Cerca de 50% dos alunos da rede pública

permanecem na escola por um período de até 4 horas diárias. Na rede privada são cerca de 29%

■ **Horas II.** Cerca de 63% dos alunos da rede particular ficam entre 4 e 6 horas por dia na escola. Na rede pública, o índice é de aproximadamente 45%

■ **Na escola.** 97,4% das crianças com sete anos de idade estão na escola. Aos

18 anos a porcentagem é de 45,6%

■ **Repetência.** A taxa de repetência do ensino médio era de 22,6% em 2005

■ **Evasão.** A evasão no ensino médio em 2005 era 10,3%

■ **Abandono.** A taxa de afastamento da escola por abandono antes do fim do ano letivo, em 2005 era 11,4%

## Frase

“Há 50 anos, a Coreia tinha 50% da renda per capita do Brasil. Hoje tem o dobro. Lá, pelo menos 97% da população tem o curso secundário completo. Continuando com a comparação, quase metade dos brasileiros tem dificuldade de leitura e compreensão de texto. Entre os coreanos, esse índice é de 6%”

PEDRO MALAN,  
VICE-PRESIDENTE DO  
INSTITUTO UNIBANCO

“A taxa de aprovação cresceu entre os anos 90 e 96. Depois, se estabilizou. Aos poucos, os índices de abandono escolar estão caindo, mas a repetência aumenta”

REYNALDO FERNANDES  
PRESIDENTE DO INEP

## 250 horas de estudo, quando o ideal seriam mil

■ Os adolescentes entre 15 e 17 anos estudam, em média, 250 horas por ano, no Brasil. Enquanto o ideal seria, pelo menos, mil horas anuais.

O cálculo foi feito pelo pesquisador do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), Ricardo Paes de Barros, e apresentado durante o seminário “A Crise de Audiência no Ensino Médio”, promovido pelo Instituto Unibanco, em São Paulo.

Ele ressalta que há uma grande preocupação com a taxa de evasão das escolas – diferença entre o número de matrículas de um ano para outro –, mas poucos estudos consideram os jovens que nem sequer se matricularam na escola no ano anterior.

Para Wanda Engel, diretora-executiva do Instituto Unibanco e secretária de Assistência Social durante o governo Fernando Henrique Cardoso, a grade curricular da educação básica distancia o jovem da sala de aula. “Só 26% dos estudantes passam no vestibular, imagine a porcentagem dos que entram nas universidades públicas. Ainda assim, a estrutura do sistema educacional no Brasil sempre desvalorizou muito as profissões manuais e privilegiou a preparação para o vestibular”, opina.